



Vol. 32, nº 1 (2026)

(DES)CAMINHOS TEÓRICOS NOS ESTUDOS DAS POÉTICAS DE MANOEL  
DE BARROS E ONDJAKI

\*\*\*

THEORETICAL (MIS)PATHS IN THE STUDIES OF THE POETICS OF  
MANOEL DE BARROS AND ONDJAKI

Paulo Sérgio Borges David Mudeh<sup>1</sup>  
Isaac Newton Almeida Ramos<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 14/11/2025

**Data de Aceite:** 10/12/2025

**Resumo:** Este artigo é uma síntese das escolhas teóricas realizadas em nossa pesquisa de doutorado, a qual lida com as apropriações que Ondjaki faz da poética de Manoel de Barros. Com esse objetivo, listamos os principais autores da Literatura Comparada que nos auxiliaram, como Abdala Júnior (2017) e Antonio Candido (2019). Depois, apresentamos aqueles relacionados aos temas de África, como Achille Mbembe (2014), Yves Mudimbe (2022) e Muryatã Barbosa (2020), aos quais se seguem estudiosos de lírica, como Gaston Bachelard (2018), Octávio Paz (2012) e Alfredo Bosi (1977). Assim, compartilhamos as escolhas seguidas em nossa pesquisa, com os fins de auxiliar outros pesquisadores e de refletir e refinar nossos métodos.

**Palavras-chave:** Literatura comparada. Literaturas africanas. Manoel de Barros. Ondjaki. Poesia.

**Abstract:** This paper is a synthesis on the theoretical framework developed during our doctoral research on the appropriations Ondjaki makes of Manoel de Barros' poetry. First, we listed some of the key works in Comparative Literature, such as those written by Abdala Júnior (2017) and Antonio Candido (2019). Then, we referred to scholars who address African studies and related themes, such as Achille Mbembe (2014), Yves Mudimbe (2022) and Muryatã Barbosa (2020). After it, we discussed authors whose ideas pertain to poetry itself, such as Gaston Bachelard (2018), Octávio Paz (2012) and Alfredo Bosi (1977). Through this approach, we aim to share the paths we have followed so far, to enlighten our own methods and to refine them further.

**Keywords:** African literatures. Comparative Literature. Manoel de Barros. Ondjaki. Poetry.

## 1 Acerca desses descomeços

Este artigo surge da necessidade de explicitar os procedimentos empregados no desenvolvimento do aparato teórico que construímos para estudar as apropriações que Ondjaki realiza da poética de Manoel de Barros. Trata-se de caminhos que buscaram equilibrar-se entre os aspectos internos dos poemas selecionados, assim como marcados por algumas das questões interdisciplinares e decoloniais que estes últimos ensejam. Dessa

---

<sup>1</sup>Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) de Tangará da Serra. E-mail: paulo.david.94@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2011). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL-UNEMAT). E-mail: isaac.ramos@unemat.br



maneira, as releituras e apropriações estudadas puderam ser contempladas sem desprezar, ou generalizar, os contextos sócio-históricos em que se inserem os versos do poeta angolano.

Além desses vieses, nossa pesquisa atenta contra a (quase) inexistência de estudos acerca das obras poéticas de Ondjaki publicadas após 2009, cujas tiragens, em alguns casos, foram bastante limitadas. Isso implicou no caráter pioneiro de nossos estudos sobre livros como *Os modos do mármore + 3 poemas* (2015), *Há gente em casa* (2018) e *Poemas com cacimbo e pássaros* (2023), ao menos no tocante aos resultados obtidos daquelas plataformas que tivemos acesso. Por tais motivos, nossa fundamentação teórica e crítica conta com pouquíssimos trabalhos sobre a lírica de Ondjaki, um problema que também enfrentamos durante nossa pesquisa de mestrado, a qual abrangeu apenas um de seus livros.

Cumprе citar os nossos estudos concernentes às obras resultantes de colaborações entre Ondjaki e artistas de outros campos, como no caso dos livros *O rosto da paisagem – uma estrada, dois olhares* (2010) e *Mais longe que meu quarto* (2023). Essas publicações são resultantes de sua parceria com o fotógrafo catalão Jordi Burch, com quem ele organizou diversas exposições de poesia e fotografia. Há, além desses exemplos, colaborações do poeta angolano com grandes nomes da poesia de Língua Portuguesa, como Manuel Rui, com quem Ondjaki publicou *Poemas com cacimbo e pássaros* (2023).

Com vistas a tais – e outras – características, os dezesseis ensaios que integram nosso estudo foram organizados em três grandes grupos. Seus itens foram concebidos como peças complementares, ao longo dos quais as produções de Manoel de Barros e Ondjaki são observadas a partir de três enfoques principais. Primeiramente, se trata das suas letras voltadas ao adentrar e ao experimentar os universos das imagens poéticas. Em segundo lugar, há os estudos de poemas que foram lidos como reações insurgentes contra a presente organização do mundo. Por último, há um longo ensaio voltado às memórias da infância e aos contatos com o indizível poético, cujos eu-líricos observam e reimaginam tais aspectos em um momento em que eles próprios são adultos.

## **2 Houve tantos caminhos, tantas rotas...**

De maneira geral, os estudos que realizamos foram norteados pelas metodologias da Literatura Comparada. Foi necessário retornar aos textos basilares dessa disciplina, um



motivo que nos levou à releitura do volume *Literatura comparada: textos fundadores* (1994), no qual estão diversos artigos datados dos séculos passado e retrasado, em uma compilação organizada por Eduardo Coutinho e Tania Carvalhal. Com o auxílio desses conhecimentos, foi possível esclarecer questões diversas sobre os modos como deveríamos lidar com textos de poetas provenientes de países em situações socioeconômicas diferentes, embora ambos os autores sejam falantes da Língua Portuguesa. Compreender a importância dos estudos comparativos, suas evoluções e as possibilidades de leitura que tal abordagem enseja veio bastante a calhar com as ressignificações que notamos ao ler diversos dos poemas de Manoel de Barros e de Ondjaki.

Entretanto, a dimensão de nossa pesquisa exigiu a leitura de bibliografias mais recentes, principalmente devido ao fato de haver pesquisas que se voltam diretamente aos países de Língua Oficial Portuguesa, algo não – ou muito pouco – considerado no livro mencionado acima. Dessa forma, revisitamos diversos livros e artigos de Benjamin Abdala Júnior, como *Literatura história e política* (2017) e *Entre voos e ilhas: literatura e comunitarismos* (2008), com o objetivo de melhor compreender a importância das literaturas de Brasil e Angola nos contextos do presente século. Também retornamos a alguns dos livros de Antonio Candido, como *Literatura e sociedade* (1967), *Formação da literatura brasileira* (1959) e *Na sala de aula* (1985). Embora estes dois últimos não constem entre os títulos citados em nossa investigação, foram de grande relevância ao longo deste curso e de nossa formação.

É importante recordar as leituras de obras diretamente ligadas às realidades e histórias dos países africanos, algo feito para romper(mos), na medida do possível, com o poder da propaganda ocidental. Desses livros, podemos citar *A invenção de África* (2019) e *A ideia de África* (2022), de Yves Mudimbe, livros que auxiliaram nos esclarecimentos sobre questões epistemológicas e ideológicas muito divulgadas acerca do continente africano. Apesar do alcance das ideias propagadas acerca de África e de seus países, muitas delas mostram-se falsas, distorcidas e desumanizantes, uma situação que perdura desde antes das invasões europeias naquele continente.

Foi necessário, sem dúvida, retornar ao livro *África na sala de aula* (2008) de Laila Leite Hernandez, para recordar os procedimentos militares, econômicos e pseudocientíficos usados para manter a opinião pública das metrópoles a favor das posturas de seus



mandatários. Tais ideias sobrevivem, até os dias de hoje, nos discursos do homem médio ocidental e, inclusive, brasileiro. Por sua vez, a leitura de *Os condenados da terra* (1961) foi de grande valia para a nossa compreensão sobre os modos possíveis para a libertação dos países sob o domínio colonial, algo necessário para nossos estudos, ainda que a obra de Frantz Fanon tenha sido citada poucas vezes em nossas referências. Essa relevância é devida, em boa parte, ao contexto de Guerra Civil em que foi iniciada a obra poética de Ondjaki, um momento histórico bastante marcado pela recém libertação de seu país, cuja política continua presa pelos tentáculos neocoloniais.

Com *Sair da grande noite – ensaio sobre a África descolonizada* (2014), de Achille Mbembe, foi possível repensar várias questões acerca da situação geopolítica do mencionado continente. Entre elas, constam a importância da poesia para tecer novos significados em prol dos habitantes de África, os quais precisam lidar com os discursos que culpabilizam suas nações pelas mazelas trazidas e intensificadas pelas dominações europeias. Juntamente das reflexões desse autor, e daqueles citados acima, ocorreram-nos melhores percepções sobre como as dinâmicas da divisão internacional do trabalho, somadas às chagas ainda em cicatrização, são alguns dos obstáculos que devem ser superados para haver o início de uma nova era, algo inseparável dos labores dos poetas.

O sangue resultante dessas feridas, sem dúvidas, diz respeito aos prejuízos causados contra as vidas e os sonhos de povos que continuam a serem espoliados para reequilibrar as economias do Norte global, conforme destaca Achille Mbembe:

para explicar os fatos coloniais e de influência – e, por tabela da descolonização – muitas abordagens clássicas do imperialismo frisaram os fatores econômicos. Como tal, Lenine defende que a função das colônias no desenvolvimento histórico do capitalismo consiste em absorver o capital excedentário da metrópole (Mbembe, 2014, p. 50).

Além disso, por meio do livro *A razão africana – breve história do pensamento africano contemporâneo* (2020), de Muryatã S. Barbosa, pudemos conhecer um pouco mais acerca da situação intelectual de África e acerca de África. Recordar a impossibilidade da neutralidade do conhecimento foi algo imperativo durante essa leitura, uma vez que o filósofo brasileiro aponta que:

os estudos africanos na África não deveriam contentar-se em contribuir apenas para a acumulação do conhecimento sobre África, um tipo de conhecimento que é capitalizado no Norte global e por ele gerido, tal como acontece com todos os outros setores do conhecimento científico. Os investigadores africanos envolvidos



nos estudos africanos deverão ter uma outra prioridade: desenvolver, antes de mais nada, uma tradição de conhecimento em [...] que as questões a estudar sejam desencadeadas pelas próprias sociedades africanas e a agenda de investigação por elas direta ou indiretamente determinada (Hountondji *apud* Barbosa, 2020, p. 164-165).

Especificamente acerca de Angola, visitamos os capítulos sobre suas lutas de independência apresentadas em *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia* (2012). A partir dessa leitura, tomamos conhecimento acerca dos intensos e propositais agravamentos deixados pelos colonos portugueses na ocasião de suas fugas para Portugal. A violência e as arbitrariedades cometidas pelos portugueses são, neste pequeno volume, expostas como as grandes motivadoras da raiva explosiva daqueles que se revoltaram contra sua opressão. A partir disso, foi possível compreender melhor o peso das forças neocoloniais nas questões remanescentes desse período, tanto em Angola, quanto em África (além, certamente, do Brasil).

Leituras do livro *Political identity and conflict in central Angola: 1975-2002*, publicado em 2015, por Justin Pearce, fizeram-se de grande apoio na compreensão das nítidas divisões políticas existentes em Angola. Neste país sobressaem-se os dois maiores atores locais da Guerra Civil, isto é, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), informações bastante úteis para o estudo de poemas ligados a questões políticas na obra de Ondjaki, principalmente nos livros *Actu Sanguíneu* (2000), *Dentro de mim faz sul* (2010) e *Há gente em casa* (2018). É interessante citar, sem dúvidas, a importância de termos consumido dezenas de documentários e entrevistas sobre a guerra de libertação, sobre a Guerra Civil e o presente político em Angola, embora nossa pesquisa seja de cunho predominantemente estético.

Quanto às leituras de obras ligadas à realidade brasileira, lemos *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro* (1958), de Raymundo Faoro, com o intuito de compreender um pouco mais os problemas estruturais trazidos pelos invasores europeus. Houve também uma breve revisitação ao livro *Raízes do Brasil* (1936), além de leituras sobre o trajeto de Manoel de Barros em *História da literatura de Mato Grosso: século XX* (2001). Também foram estudados os livros *Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários* (2023), de Olga Maria Castrillon-Mendes (que acabou por não constar nas referências), e *A metáfora do olhar* (2018) de Isaac Ramos. Este último, por sua vez, foi



bastante empregado no tocante a sua classificação da obra de Manoel de Barros em três partes não-lineares:

[...] a primeira mostra o domínio de um conhecimento erudito misturado a uma irreverência poética; a segunda é formada pelo exercício da metalinguagem e certo didatismo nos títulos internos de capítulos; a terceira contempla elementos surreais e situações de *nonsense* (Ramos, 2018, p. 35).

Além desses títulos, diversos artigos publicados em *Baú de Barros: ensaios sobre a poética de Manoel de Barros* (2019) foram lidos e citados. Houve também a leitura de um volume das entrevistas que tal poeta concedeu, as quais foram publicadas sob o título *Encontros* (2010), organizado por Adalberto Müller.

Procedimento semelhante foi adotado para lidar com a obra de Ondjaki, a qual foi lida integralmente, com exceção de dois ou três títulos de sua prosa que não conseguimos obter. Esse esforço foi bastante útil para perceber as densas interligações de seus livros, os quais compartilham personagens entre suas prosas e os seus versos, assim como existem diversas aparições de personagens como “Bernardo” e “Passo Triste” na obra de Manoel de Barros. Lemos diversas de suas entrevistas e assistimos várias de suas participações em feiras literárias, assim como revisitamos o seu documentário *Oxalá cresçam pitangas*. Infelizmente, não pudemos participar das oficinas literárias que Ondjaki oferece, pois elas são, na maior parte das vezes, presenciais.

Com uma atuação bastante ampla, o poeta angolano contribui com a coluna *Quatro cinco um*, hospedada pela *Folha de São Paulo*, na qual lemos dezenas de seus artigos e textos de cunho literário. Resultantes de sua parceria com o fotógrafo catalão Jordi Burch estudamos poemas dos livros *O rosto da paisagem: uma estrada, dois olhares* (2010) e do livro artesanal *Mais longe que meu quarto* (2023). Seu recém-lançado áudio livro de poemas, *Eu vi a chuva sorrir* (2024), fruto de sua colaboração com a musicista Maria Clara Valle, foi ouvido em partes, mas não consta em nossa pesquisa, uma vez que tal título não foi publicado de forma escrita.

Durante nosso levantamento da crítica produzida sobre a obra poética de Ondjaki, nos deparamos com o mesmo problema de nossa pesquisa de mestrado: a publicação de poucos estudos sobre seus livros de poemas. A maior parte das pesquisas sobre sua lírica concentra-se nos livros *Há prendisajens com o xão: o segredo húmido da lesma e outras descoisas* (2002) e *Materiais para confecção de um espanador de tristezas* (2009), com larga



vantagem deste último. Duas das obras que revisitamos foi a dissertação de mestrado da pesquisadora Andreia Muraro, denominada “As ‘prendisajens’ poéticas em Ondjaki: dimensões da metáfora ‘xão’” (não citada, pois seu objeto foi de maior interesse à nossa pesquisa anterior) e *Os deslimites da poesia: diálogos interculturais entre Manoel de Barros e Ondjaki* (2012), de Hérica Pinheiro, uma pesquisa produzida em nosso PPGEL. Foi preciso recorrer, também, à nossa dissertação de mestrado, a qual foi publicada como *ebook* pela Editora Unemat, sob o título *Manoel de Barros e Ondjaki: entre o chão e a pedra* (2023). Infelizmente, não encontramos nenhuma tese de doutorado pautada na lírica de Ondjaki.

Dentre os poucos artigos sobre poemas de Ondjaki que julgamos relevantes para nossa investigação, consta “Hibridismo e generosidade na poesia de Ondjaki” e “Desgeografias brasileiras, moçambicanas e angolanas: Manoel de Barros, João Guimarães Rosa e Ondjaki”. O primeiro desses títulos foi publicado por Luiz Fernando Valente e, o segundo, por Danglei de Castro Pereira e Julio Augusto Xavier Galharte. Ainda assim, há poucas e vagas menções aos seus livros de poemas publicados após 2009 – ao menos nas bases de dados que visitamos – alguns dos quais foram, inclusive, difíceis de encontrar e de adquirir. É importante recordar a contribuição de Ondjaki com o envio de *Poemas com cacimbo e pássaros* (2023) – escrito em parceria com Manuel Rui – livro disponível apenas no formato físico e à venda apenas em Angola, ao menos naquela ocasião.

Quanto à leitura de bibliografias voltadas à literatura em geral e à lírica, uma das obras mais presentes foi *Poética do devaneio* (1960), de Gaston Bachelard, autor de quem lemos e utilizamos outros livros, como *A poética do espaço* (1957). Muitas das noções trazidas por ele, como a de *animus* e *anima*, de devaneio poético e de alquimia verbal foram emprestadas de suas postulações. É preciso recordar que sua abordagem fenomenológica da imagem poética se encontra presente em grande parte de nossa produção crítica, que, por sua vez, possui bastante enfoque nos poetas em foco.

A presença dos ensinamentos de Alfredo Bosi, principalmente em *O ser e o tempo da poesia* (1973) são latentes em nosso estudo. A atenção conferida aos estudos dos sons no poema, à dinâmica do tempo que é própria do verso e à noção de poesia como resistência são várias das contribuições trazidas de sua obra. O livro *Dialética da colonização* (1992) também consta entre as vozes ecoantes em nossa investigação, embora não tenha sido mencionada diretamente. Ainda assim, esse título contribuiu para o desenvolvimento de



nossa (ainda pobre) consciência acerca dos procedimentos de colonização nos campos simbólicos, assim como das lutas que lhes são inerentes.

Outro autor bastante relevante em nosso aprendizado foi Octavio Paz, de quem lemos *O arco e a lira* (1956), *Os filhos do barro* (1974) e *A dupla chama: amor e erotismo* (1993). As leituras e as releituras realizadas desses títulos contribuíram nas lidas com questões relacionadas à natureza do poético, às concepções de tempo linear (típicas das sociedades cristãs) e circulares – típicas das sociedades tradicionais africanas. No tocante ao terceiro título, seu uso ocorreu em relação aos erotismos voltados à palavra, os quais são bastante praticados por Manoel de Barros e por Ondjaki, bem como no que interessa a questões voltadas ao sagrado em diversos capítulos de nosso estudo.

Quanto a Roland Barthes, a leitura de *A câmara clara: nota sobre a fotografia* (1980) teve um papel importantíssimo nas reflexões entre os diálogos entre poesia e fotografia. Isso deu-se, principalmente, quanto aos poemas “O fotógrafo”, publicado por Manoel de Barros em *Ensaio Fotográficos* (2000) e “Pensava que era Kalahary, afinal era azul”, de Ondjaki. Além desse aparato teórico, recorremos ao livro *Não coisas: reviravoltas do mundo da vida* (2022), de Byung Chul Han, para lidar com a reflexão que se faz necessária sobre a fotografia como objeto de consumo no mundo digital, posto que o livro de Barthes reflete apenas sobre a fotografia analógica.

Outras obras do filósofo coreano foram lidas, como *Sociedade do Cansaço* (2015), no qual são exploradas ideias de filósofos como Michel Foucault e Hanna Arendt acerca da vigilância sobre as massas e totalitarismos. Tais considerações, uma vez contextualizadas no atual cenário, auxiliaram-nos na tarefa de mostrar como os poetas em estudo são fortes opositores do chamado “sujeito de desempenho” (Han, 2015, p. 16-18). O autor usa tal expressão para denominar o indivíduo que busca se validar socialmente por meio da autoexploração, pois nele está internalizada uma estrutura coercitiva e disciplinadora que o obriga a agir assim.

Quanto aos usos do texto bíblico, eles ocorreram, com maior importância, nos itens “Seguir a lesma é caminhar para o início”, “Retratos do artista enquanto cacimbo: as margens da poesia pouco limitam os pássaros” e “Memórias que entorpecem o corpo: dos pecados solitários às saudades telúricas”. Muito mais ligada à poética de Manoel de Barros, foram estudadas, na respectiva ordem, as suas apropriações da cosmogonia do Evangelho de João



– que se encontra no poema VII do *Livro das Ignoranças* (1993) – do Salmo 23 e do discurso sobre o adultério, situado no quinto capítulo do Evangelho de Mateus.

Não obstante, cabe justificar que a escolha da *Bíblia de Jerusalém* (2009) se deu por razão de ser ela formada a partir de traduções feitas diretamente dos idiomas hebreu, aramaico e grego. Sua composição considerou os textos massoréticos, os quais incluíram um sistema de vogais que preservou a pronúncia praticada em seus dias. Além disso, seus tradutores recorreram aos manuscritos judeus, siríacos e latinos nos casos de grandes dificuldades para atualizar os sentidos.

Em Ondjaki, no poema “Uma viagem de escutar”, que é estudado no ensaio denominado “Bernardo amanheceu antes de mim: antes do homem, era o poeta; antes do estudioso, era o mago”, o tratamento conferido ao texto bíblico é muito mais ligado à violência colonial. Foi necessário citar a bula *Romanus Pontifex*, de 8 de janeiro de 1455, dirigida ao rei Afonso V (1432-1481), de Portugal, na qual o papa autorizava incursões militares, religiosas e culturais, inclusive com a permissão perpétua de colonizar, espoliar e escravizar nações não-cristãs:

*o Romanus Pontifex* faz várias observações. Primeiro, todos os povos não cristãos não têm direitos de propriedade sobre a terra em que vivem. Segundo, ao se encontrarem com os nativos, os cristãos europeus - nomeadamente os espanhóis e portugueses - deveriam convidar o rei ou chefe local e seus conselheiros para uma reunião, na qual esse seriam apresentados a uma interpretação cristã da história que seguia de perto o Antigo e o Novo Testamento. No final da reunião, os nativos seriam convidados a declarar sua submissão e a se converter. Se os nativos falhassem em aceitar a “verdade” e não se tornassem politicamente colonizados, matar os nativos seria não apenas legal mas também um ato de fé e um dever religioso para os colonizadores (Mudimbe, 2022, p. 73-75).

Proceder à análise de textos cujos enfoques estão voltados aos modos não utilitários de lidar com a linguagem e com a realidade, por sua vez, conduziu à necessidade de visitar os diálogos dos poetas com formas não-ocidentais de pensar o mundo. Para esse fim, recorreremos a autores como Hampâté-Bâ (2010, p. 174), com seu texto “A tradição viva”, no qual se lê: “o que a África tradicional mais preza é a herança ancestral. O apego religioso ao patrimônio transmitido exprime-se em frases como: ‘Aprendi com meu Mestre’, ‘Aprendi com meu pai’, ‘Foi o que suguei no seio de minha mãe’”. Por sua vez, *Visões e percepções tradicionais* (1980), de Honorat Aguessy, embasa nossa desconfiança perante as tendências de enxergar influências europeias em assuntos nos quais elas inexistem. É preciso ter em mente a visão unitária predominante em grande parte de África, a qual se assemelha a um



triângulo que engloba os diferentes níveis de existência. Nele tudo acontece nos seguintes termos:

- 1) No cimo, por fora, o *Ser supremo*; 2) Na base, os *poderes mágicos inferiores*;
- 3) Nos dois outros lados, os *seres sobrenaturais*, por um lado, e os *antepassados*, por outro; 4) Por dentro, o *homem*, representado no interior por um círculo rodeado por todos os lados pelo *universo material* (Aguessy, 1980, p. 98-99).

Porque ambos os poetas em estudo têm na infância alguns de seus grandes referenciais, foi preciso recorrer às explicações de Philippe Ariès (1986, p. 94), principalmente na escrita de nosso último capítulo, chamado “Poemas que entorpecem o corpo: dos pecados solitários às saudades telúricas”. Segundo esse estudioso, antes da vitória da ideologia, as sociedades antigas estreitavam seus laços em jogos e brincadeiras corriqueiras e, mais veementemente, nas festas sazonais, nas quais adultos e crianças assumiam papéis determinados pelas tradições locais, livres de hierarquias etárias.

Juntamente ao livro supracitado, foi necessário recorrer ao *Kama Sutra* (II d. C), de Vatsyayana, e ao *Brihadaranyaka Upanishada*. Tais leituras ocorreram por conta, principalmente, do poema “Estreante”, que Manoel de Barros publicou em seu livro *Memórias inventadas - segunda infância* (2006). Por fim, destacamos a presença de ideias de Zygmunt Bauman, com suas obras *Globalização: suas consequências humanas* (1998) e *Modernidade líquida* (2000), cujos pensamentos permeiam as noções de modernidade (e outros temas) em diversos de nossos ensaios.

### **3 Considerações, despropósitos e meias-verdades (?)**

As nossas pesquisas comparativas entre as obras poéticas de Manoel de Barros e de Ondjaki resultaram em diálogos marcados pela presença de elementos imaginativos, sociais e eróticos. Foi necessário lidar com as dezenas de livros de poemas que eles publicaram, uma tarefa bastante árdua e que englobou diferentes vieses teóricos. Dessa forma, transitar entre diferentes campos do conhecimento, nas áreas de interesse, foi mais uma imposição dos textos estudados do que uma escolha de nossa parte.

Refletir acerca das estruturas internas dos textos foi desafiante, posto que muitas leituras possíveis surgiram a partir dos conhecimentos proporcionados pelas nossas leituras. As questões da imaginação, as quais foram fortemente presentes, precisaram ser amparadas



pelas visões de acadêmicos que estudam as realidades africanas. Tratou-se de um trabalho de continuidade das eliminações de estereótipos, cujas finalidades são um pensar mais adequado sobre as relações entre Brasil e Angola.

Muitos aspectos da poética de Manoel de Barros foram destacados ao longo desse trabalho, alguns deles desconhecidos – anteriormente – para nós. Outros eram pouco nítidos, dadas as pesadas implicações do tipo de racionalidade proeminente em nossos contextos. Dessas tantas maneiras, foi possível entender, um pouco mais, sobre as formas de resistência poética perpetradas por cada um desses poetas, adequadamente atuantes em seus contextos.

### Referências

AGUESSY, H. Visões e percepções tradicionais. *In: SOW, A. I. et al. Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 95-136.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARBOSA, M. S. **A razão africana**: breve história do pensamento africano contemporâneo. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2020.

HAMPÂTÉ-BÂ, A. A tradição viva. *In: História geral da África: Metodologia e pré-história da África*. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MBEMBE, A. **Sair da grande noite**: ensaio sobre a África descolonizada. Trad. Narrativa Traçada. Mangualde: Edições Pedagogo, 2014.

MUDIMBE, V. Y. **A ideia de África**. Trad. Fábio Roberto Lucas. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

RAMOS, I. **A Metáfora do Olhar**: Alberto Caeiro e Manoel de Barros. 1. ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2018.